

REUNA

Revista de Economia da UNA

TEORIA DA RIQUEZA SOCIAL

O valor da economia política clássica

NEOLIBERALISMO

O novo papel do Estado

RECESSÃO

O preço da estabilidade

33(05)

Título: REUNA : Revista de Economia da UNA.



100978
68944

n.5 set. 1997 UNA BR

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pela Biblioteca "Rosemeire de Fátima Machado" da UNA
Fátima Falci - Bibliotecária - CRB/6 - nº 700

33(05) Reuna - Revista de Economia da UNA, v.1 - , nº5, set. 1997.
Belo Horizonte: UNA Ciências Gerenciais; Faculdade de
Ciências Gerenciais da UNA, 1997.

Trimestral
ISSN:

1. Economia - Periódicos. I. UNA Ciências Gerenciais - Periódicos.
II. Faculdade de Ciências Gerenciais da UNA. Periódicos

CDU - 33(05)

Expediente:

Reuna- Revista de Economia da UNA - Ciências Gerenciais
Presidente - Aloísio Teixeira Garcia
Diretor Fundador - Honorio Tomelin
Diretor FCG/UNA - João Gomes Filho
Editor Responsável - Henrique Leal - Reg. 3769 FENAJ
Criação, Editoração e Arte - Artes Gráficas Siracusa Ltda.
Impressão e Acabamento - Artes Gráficas Siracusa Ltda.

UNA - Ciências Gerenciais
Rua Sapucaí, 429 - Floresta
30150-050 - Belo Horizonte - MG
Fone: (031) 274-2744 - Fax: (031) 222-0838
Home page: <http://www.stinet.com.br/una/una.html>
e-mail: ipat@stinet.com.br

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. REPRODUÇÃO DE QUALQUER
TEXTO PERMITIDA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

EDITORIAL



Em retrospectiva histórica, a mundialização – termo aqui empregado praticamente como sinônimo de globalização – iniciou-se no século XV, quando a Europa se lançou à descoberta do mundo. A atividade econômica, até então, desenvolvia-se no Mediterrâneo – o Mare Nostrum dos romanos – onde os portos recebiam o ouro da Guiné, as especiarias e sedas do Extremo Oriente.

Para alargar seus horizontes econômicos, ainda limitados, e controlar seus pontos de abastecimento, a Europa sonhou ardentemente com as rotas da África e da Ásia. Assim, Colombo ao procurar as Índias, descobriu a América e Vasco da Gama dobrou o Cabo da Boa Esperança.

Pioneiros, espanhóis e portugueses foram rapidamente seguidos pelos holandeses, franceses e ingleses. Todos descobriram, conquistaram, exploraram.

Nos manuais de História Econômica, esse é o capítulo intitulado *Revolução Comercial*. O comércio, forte incentivo à atividade econômica, alcança o nível internacional, abrangendo quatro continentes, tendo rotas marítimas como estradas. É o mar – superfície de transportes – que traz a riqueza das riquezas. O historiador Fernand Braudel, ao traduzir a palavra alemã *Weltwirtschaft*, criou a expressão *economia-mundo* para caracterizar a época, em contraposição à expressão *economia mundial* – “o mercado de todo o universo”. O mundo, no fim do século XVIII, não tinha mais segredos para os europeus. Excetuando-se o coração da África e as zonas polares, a mundialização das trocas comerciais tornou-se uma realidade. As sete Companhias das Índias Orientais e as quatro das Índias Ocidentais transportavam algodão, especiarias, sedas, chá, açúcar, matéria-prima, ouro e prata, alimentando a formidável máquina de produção que se tornou então o continente europeu.

Esta *economia-mundo*, cujo pulmão foi a Europa, tornou-se também monetária e financeira, com o desenvolvimento do crédito, das atividades bancárias e da bolsa de valores. Podemos, pois, afirmar que entre 1.500 e 1.800 uma *economia mundializada* se instalou, caracterizada por intensa circulação de mercadorias e capitais de um continente a outro. O século XIX, com sua revolução dos transportes e das comunicações, deu maior amplitude a essa *economia* ao tornar o mercado mundial mais acessível a outros países. Tudo se tornou mais próximo. Uniformização, unificação, e

homogeneização tornaram-se palavras-chaves neste contexto. Foi, porém, a intensificação das trocas comerciais que deu a idéia clara do grau de mundialização da economia.

O século XX – o século de todas as tragédias – assistirá a uma fase de fragmentação de espaços e de retrocesso da mundialização no período de 1917 a 1945. Somente no pós-guerra, notar-se-á uma expansão acelerada e ininterrupta da internacionalização da economia, agora sob a égide da nova potência dominante: os Estados Unidos. Mesmo com a presença do socialismo, a economia se reconstitui, favorecida pelo desenvolvimento das relações comerciais e pela integração dos países em desenvolvimento fornecedores de energia e de matérias-primas e compradores de produtos manufaturados. Mesmo antes da derrocada do comunismo, as trocas comerciais continuam a crescer, sextuplicando seu valor entre 1973 e 1989.

Desde então, o que chamamos de mundialização (globalização, planetarização) nada mais é do que, de um lado, a unidade recomposta, de um mercado mundial global que a I Guerra Mundial (1914-1918) rompera, de outro, o triunfo planetário da economia capitalista de mercado que se impõe a todos, como fora antes de 1914.

As causas da mundialização de hoje são as mesmas observadas no início do século: aumento da demanda ligada ao aumento dos níveis de vida e da população (acrescentaria ainda as necessidades dos antigos países comunistas), revolução dos transportes e dos meios de comunicação que aumentaram ainda mais a circulação das mercadorias, dos capitais, das informações, o impulso dado à economia pelas empresas transacionais; o império do livre-câmbio agora sob a égide da nova Organização Mundial de Comércio (OMC).

Nota-se, na retrospectiva histórica feita, que a mundialização, na realidade, é uma história tão antiga quanto o Capitalismo.

Observamos, nos dias de hoje, a permanência de um problema, o da gestão do Sistema Capitalista. Deve o Capitalismo ser selvagem e liberal como querem os adeptos do "darwinismo econômico"? Ou, ao contrário, ser policiado e regulado, como querem os adeptos da idéia de um governo econômico e financeiro multilateral do mundo?

Para reflexão dos leitores de REUNA, acrescentamos que a mundialização da economia, aceleração de um processo antigo e estrutural, exige respostas coletivas, negociadas e equilibradas, no seio das empresas, dos Estados, entre os blocos regionais e também em nível mundial.

Prof. João Gomes Filho
Professor Titular de História Econômica e Diretor da FCG/UNA

SUMÁRIO



Werner Baer



Eduardo A. Haddad



Renato Caporali



Jersone Tasso M. Silva



Armindo S. Teodósio

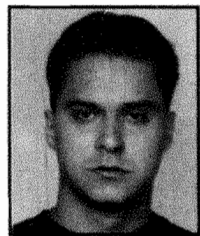
- *Distribuição de Renda, Estrutura de Demanda Regional e Emprego Industrial*
Werner Baer e Eduardo A. Haddad 07
- *A Teoria Econômica como Teoria da Riqueza Social*
Renato Caporali 20
- *Programação Linear com Objetivos Múltiplos*
Jersone Tasso Moreira Silva 29
- *Liderança num ambiente de inovações organizacionais*
Armindo dos Santos S. Teodósio, Renata de Magalhães Gaspar e José dos Reis G. Rodrigues 37
- *Política Econômica e a Competitividade*
Frederico Garcia Pedrosa, Leonardo de Oliveira Martins e Nadejda Rodrigues Marques 51
- *Bem-estar social e neoliberalismo*
Ricardo Moysés Resende 56
- *Recessão, o preço da estabilidade*
Lamartine Sacramento Filho 61



Renata M. Gaspar



José dos Reis G. Rodrigues



Frederico G. Pedrosa



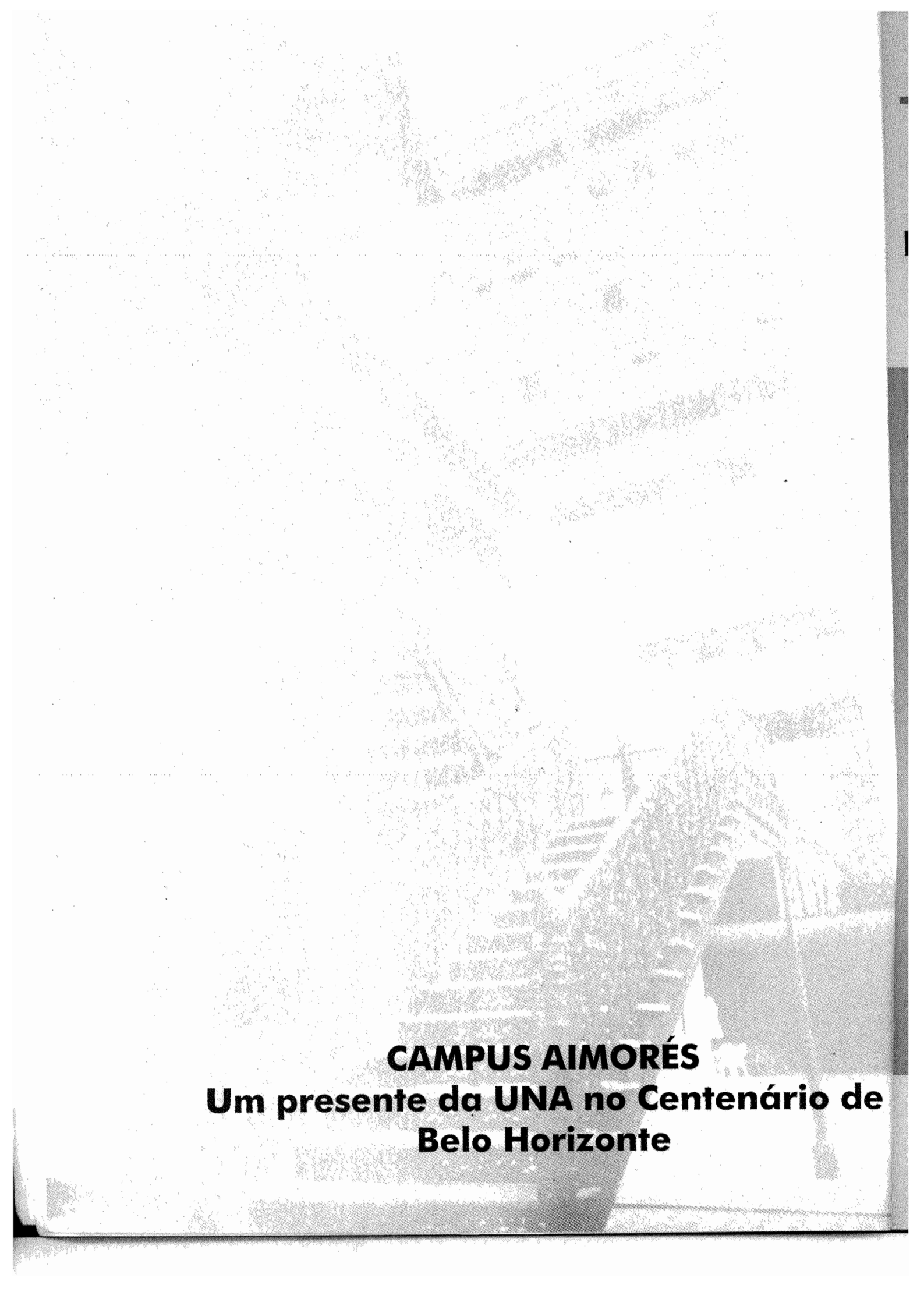
Nadejda R. Marques



Ricardo Resende



Lamartine



CAMPUS AIMORÉS
Um presente da UNA no Centenário de
Belo Horizonte